

**O RETRATO DE UMA IDENTIDADE**, Keila Maria Mota, Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti, Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP / PROEX.

[keilinhmota@yahoo.com.br](mailto:keilinhmota@yahoo.com.br) e [rotta@fct.unesp.br](mailto:rotta@fct.unesp.br)

Projeto de Educação de Jovens e Adultos- PEJA/PROEX- atua dentro de uma instituição filantrópica, no Hospital Psiquiátrico Allan Kardec, com uma sala de alfabetização, inserida no projeto AllanClô. Através da educação e escolarização integrá-los na sociedade e no mercado de trabalho possibilitando o direito à cidadania. As atividades ocorrem através de temas geradores onde a pergunta do educando é importante para que o dialogo se inicie porque acreditamos que onde existe o silêncio, não existe a compreensão da realidade. Assim, através do processo de escolarização sejam capazes de se relacionar com as diferenças entre eles, com o mundo que os cerca e com a comunidade em geral, na busca da reconstrução da identidade para tornar possível a resocialização.

Palavras-chave: escolarização, identidade, sociedade.

Seminário do 16º COLE vinculado: 01

**O Retrato de uma Identidade**, MOTA. Maria Keila; FURLANETTI R. F. P Fátima Maria  
- Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP - Presidente Prudente – SP / PROEX.  
[keilinhmota@yahoo.com.br](mailto:keilinhmota@yahoo.com.br) e; [rotta@fct.unesp.br](mailto:rotta@fct.unesp.br)

## **O Retrato de uma Identidade**

### **Introdução**

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos, e, ainda como no caso dos meus alunos, em especial, com uma patologia a ser superada. Pois, apesar de serem alunos com alta médica, a patologia não está totalmente superada, estão ainda fazendo tratamento médico intenso.

Esses alunos trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Certamente, uma visão de mundo mais relacionada ao **ver** e ao **fazer**, apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. No entanto, esses alunos por causa da patologia perderam essa identidade e se sentem pessoas vazias, sem significado, incapazes e sem perspectiva de vida. Discriminados pela sociedade pelo quadro em que se encontram, sofrem por mais um agravante da formalidade, que é o de não serem alfabetizados.

Nessa perspectiva, a pesquisa tem como foco principal como resgatar a identidade desses ex-pacientes de tratamento de transtornos mentais ou dependentes químicos e agora alunos de EJA através da escolarização. Porque segundo Paulo Freire (1991, p.61), “Na verdade, os chamados marginalizados, que são oprimidos, jamais estiveram **fora de**. Sempre estiveram **dentro de**. Dentro de uma estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”.

Muitas vezes, esses indivíduos são preconceituosamente taxados pela família, pelos amigos e pela sociedade em geral de “burros”, “preguiçosos”, “deficientes mentais”, “lentos”, “loucos”, “drogados” e até “viciados”. Talvez não se dêem conta da gravidade e do peso que estas palavras carregam e proporcionam, devido ao fato de

serem palavras com efeito corrosivo e que fazem cicatrizes profundas, gerando impactos devastadores na auto-estima do sujeito. Desse modo, os comportamentos de indiferença produzem marcas que afetam profundamente a identidade e ferem demasiadamente a auto-imagem do indivíduo.

Partindo desse contexto, procuramos ressaltar nesses alunos o reconhecimento da existência de uma sabedoria nos seres humanos, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural e de suas habilidades profissionais. Contribuindo para que, resgatem uma auto-imagem positiva, ampliando a auto-estima fortalecendo a autoconfiança. E através da educação e escolarização integrá-los na sociedade e no mercado de trabalho possibilitando o direito à cidadania.

Com o intuito de alcançarmos tal proposta, fomos e estamos buscando orientação na teoria de Paulo Freire para trabalharmos na direção de uma educação democrática e libertadora, comprometida com a realidade social, econômica e cultural, sensibilizando homens e mulheres como sujeitos capazes de transformar a princípio, a sua própria realidade social e a seguir em busca do “ser mais” almejando à humanização de todos. Dessa forma, o bom acolhimento e a valorização do aluno possibilita a abertura de um canal de aprendizagem com garantias de êxito, porque parte dos conhecimentos prévios dos educandos promovem conhecimentos novos, pois isso fomenta o encontro dos saberes da vida vivida com os saberes escolares.

Sem dúvida alguma, no caso desta sala de EJA é preciso sempre lembrar e levar em consideração que nossas atividades contam com homens e mulheres fragilizados pelos resquícios que a patologia deixa e pelo intensivo tratamento com medicamentos muito fortes. Sem contar a facilidade com que regredem, chegando a ponto de entrarem em surto ou retornar à depressão. Portanto, é imprescindível deixá-los muito à vontade para que façam e participem somente do que lhes trazem satisfação pessoal, dignidade e sensação de capacidade, pois tem alguns dias que um ou outro aluno não querem participar de nada do que é sugerido, solicitando que querem apenas assistir. Esse **querer assistir** por mais pequeno que pareça ser já nos causa muita alegria, porque é preciso pensar em uma maneira de potencializar essas competências que esses alunos já desenvolvem em sua vida cotidiana de administrar sua patologia e sua sobrevivência numa sociedade tão preconceituosa e muitas vezes injusta com eles.

Um aspecto importante do qual daremos ênfase na pesquisa é sobre a questão cultural, devido ao fator redundante que possui no resgate da identidade desses alunos. Permitindo que expressem sua cultura particular no círculo de cultura na sala de aula, certamente, essa livre expressão os ajudará a reconhecer e valorizar a sua própria cultura, tornando a qualidade de sua relação com culturas diferentes muito melhor. Visto que, o conjunto cultural formado pelas pessoas que se encontram numa mesma sala é extremamente rico e marcado pela diversidade da enorme riqueza da cultura brasileira. Mas, é preciso tomar cuidado para não aplicar rígidos juízos de

valores quase sempre negativos à cultura que nos é estranha, ao contrário disso, aceitar e respeitar que existem outros valores e que essas diferenças podem nos ajudar a compreender a nós mesmos e as concepções que estão enraizadas em nossos educandos. Como assim declara Paulo Freire (1985, p.26), “De uma coisa temos sempre de estar advertidos, no aprendizado destas lições das diferenças – a cultura não pode, com ligeireza, estar sendo ajuizada desta forma: isso é pior, isso é melhor. Não quero, contudo, afirmar que não haja negatividades nas culturas, negatividades que precisam ser superadas”.

Paulo Freire, sempre nos colocou que necessariamente precisamos respeitar a diversidade cultural dos alunos, planejar um ensino crítico e comprometido com a prática libertadora. Neste sentido, queremos proporcionar aos alunos sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. O maior desafio está em diminuir a distância entre o que esperam os alunos e alunas e o que as práticas educativas lhes oferecem. Buscando construir uma prática educativa sustentada pela ação recíproca do educador e educando como sujeitos com a tarefa de provocar e produzir conhecimentos, tornando impossível distinguir quem é o educador e quem é o educando, a fim de apresentarem uma relação de perfeita harmonia. Portanto, que o aluno conquiste em primeiro lugar a sua posição de cidadão crítico, ativo, reflexivo e participativo na sociedade, mesmo que isso não esteja em conformidade com o que a sociedade pensa e espera, pois cada sujeito tem uma leitura de mundo diferente do outro. O importante é não esquecer de que todos são capazes, e, que apenas possuem identidades diferentes e concomitantemente visões diferentes, cada ser humano é único e singular. Assim é fundamental, como ressalta Ribeiro (1999, p.188), “conhecer as expectativas, os sonhos e os desejos de luta dos alunos, pois é no contexto do cotidiano que emergirão os conteúdos que deverão ser desenvolvidos em sala de aula, pois só assim pode-se ter o exercício da cidadania”.

Fazendo uma reflexão sobre o professor, na concepção de educação popular, vemos que é preciso ir além da alfabetização na EJA, ou seja, da alfabetização que ainda estamos acostumados a observar. Paulo Freire, sempre afirmou que a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra, acredita ainda que podemos dizer o seguinte: o Educador Popular tem mais condição pelo seu grau de relação com o universo do aluno, com universo simbólico e de compreensão do mundo de seus alunos, é ele que tem mais condições de fazer esta leitura do mundo por conta desta inserção. Mas, é claro que a escolaridade ou domínio de conjunto de conhecimento também pode ampliar esta possibilidade.

Necessariamente não é preciso que o educador deva ter origem na comunidade, mas tem muitas vantagens quando isso é possível. Nessa direção, ser educador popular compreende o sentido da tarefa de EJA que é sempre tentar compreender a realidade do universo vital dos jovens ou adultos da sala de aula. E além dessa compreensão do universo é preciso olhar o mundo através do mesmo olhar

deles valorizando os conhecimentos prévios dos mesmos para poder, junto com eles, avançar nos conhecimentos científicos e na reconstrução da identidade.

Assim, Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), nos aponta os saberes necessários de um educador popular revelados em três capítulos:

No primeiro capítulo se esclarece o que parece ser óbvio: “Não há docência sem discência”, onde ensinar exige: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes do educando; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras; pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; crítica sobre a prática e reconhecimento e assunção da identidade cultural.

No segundo capítulo destaca-se que: “Ensinar não é transferir conhecimento”; e para isso ensinar exige: consciência do inacabamento; reconhecimento de ser condicionado; bom senso; respeito à autonomia do educando; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção que mudança é possível; curiosidade.

E, finalmente no terceiro capítulo: “Ensinar é uma especificidade humana”, ressalta-se que para ensinar se exige segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada de consciência de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem os educandos.

Mas, apesar desses saberes citados acima serem riquíssimos de sabedoria, durante o decorrer da pesquisa buscaremos um aprofundamento maior nas obras de Paulo Freire e em vários outros autores também, para adquirirmos mais subsídios de reflexão para a formação de um educador de EJA, porque apesar do foco principal da pesquisa não ser esse tema, para resgatar a identidade dos alunos através da escolarização é preciso ter uma boa formação, para caminhar em busca desse foco considerado fundamental para um bom êxito dos alunos em relação à leitura e a escrita. É preciso partir da tomada de consciência, isto é, não uma consciência que repete o que diz nos livros acadêmicos, mas uma consciência politizada. E, antes de tudo assumirmos um compromisso leal com as classes populares, procurando na teoria apenas orientações e nunca definições. Para tanto, é preciso sempre nos indignarmos, nos sensibilizarmos e nos colocarmos no lugar do outro para podermos entender a sua vida e as suas dificuldades na aprendizagem.

### **Procedimentos metodológicos.**

Optamos por uma abordagem qualitativa neste trabalho, porque esse tipo de pesquisa permite um contato mais direto e prolongado com o objeto pesquisado, pois aquilo que parece não ter importância, pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

Vários são os fatores que nos levaram a essa opção. Porém, Lüdke e André (1986, p.12), citam algumas características básicas que enfatizam a nossa escolha:

1- “A preocupação com o processo é muito maior que o produto”. A nossa preocupação com o processo visa em proporcionar atividades que elevem a auto-estima e a ressignificação de cada aluno.

2- “Os dados coletados são predominantemente descritivos”. Para nós, todos os dados coletados da realidade são importantes, até mesmo as questões aparentemente simples e desnecessárias, porque por trás de pequeninos detalhes podem estar grandes motivos que possam estar intervindo na perda da identidade.

3- “A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo”. Não nos preocupamos com a comprovação das hipóteses, pois este é um tema muito amplo podendo gerar várias eventualidades durante toda a pesquisa.

Dentro da pesquisa qualitativa, optamos pelo estudo de caso. Essa opção foi feita porque um caso pode ser similar a outros, mas ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. E pelo fato, do foco da pesquisa enfatizar a “interpretação em contexto”, ou seja, para compreender melhor a perda da identidade é preciso levar em conta o contexto em que cada sujeito se situa.

Segundo Lüdke e André (1986, p.30), “a parte descritiva dos focos de observação nas abordagens qualitativas compreende um registro detalhado do que ocorre “no campo””, ou seja:

### **1- Descrição dos sujeitos.**

Os alunos apresentam características como: apáticos, hiperativos, sonolência, crise epilética, surto, convulsão, agressividade, negativos e carentes.

Muitas vezes o comportamento da linguagem é caracterizado de maneira sutil, o que apresenta uma maior flexibilidade para o diálogo. Nesse contexto é observada a dificuldade na transmissão dos contatos verbais, cuja situação requer uma atenção por parte do educador. O vestuário é caracterizado de forma simplista, ou seja, não provoca desconforto para a sociedade que os rodeiam.

A principio é uma sala de EJA como todas as outras, porém, quando os alunos se encontram perturbados ou entram em surto se tornam agressivos, rebeldes e indomáveis. Esse fato proporciona uma certa dificuldade no ciclo de aprendizagem, pois, os alunos sofrem um colapso memorial, na qual regridem para “estaca zero” como se fossem um ser, cujo desenvolvimento cognitivo estivesse como uma “tabula rasa”.

## 2- Reconstrução de diálogos.

Daremos exemplos de alguns relatos dos alunos:

- *“A1: 40 anos, estudei até a primeira série, brigava muito na escola ficava de castigo ajoelhado em cima de grão de feijão por isso não entrava na escola. Fui expulso da escola. Morava com minha mãe e meu pai, fui trabalhar na roça e chegava cansado. Nunca mais fui para a escola porque comecei a beber e esqueci da vida. Só sei escrever o meu nome, vou de ônibus ao AllanClô, só pego o ônibus por causa da hora e se ele mudar de horário pego o ônibus errado. Tive convulsão por causa da bebida e me arrependo de não ter aprendido a ler e escrever. Hoje acho que não consigo mais aprender a minha cabeça está ruim.*
- *“A2: 47 anos, parei de estudar por causa de crises epiléticas porque estudava a noite e estudava música também. O problema são as provas. Tenho problema de visão, fiz cirurgia de catarata, mas a minha menina do olho é virada para baixo. Sou solteira e moro com a minha mãe e o meu irmão. Tenho muita dificuldade para aprender porque não enxergo direito.*
- *“A3: 54 anos, estudei até a quinta série, sei ler e escrever, mas esqueci muita coisa. Moro sozinha, tive depressão porque fico muito sozinha e por isso penso muita besteira, às vezes nem sei mais quem eu sou. De vez em quando tenho vontade de pôr fogo no meu cabelo.*
- *“A4: 52 anos, estudei até a sétima série, trabalhei de técnico de manutenção no Grupo Carrefour, minha mulher se separou de mim por isso entrei em depressão. Moro com minha mãe e tenho uma filha de dezesseis anos. Esqueço as coisas com facilidade porque tomo muitos remédios.*
- *“A5: 61 anos, estudei até a terceira série sei ler e escrever um pouco, moro sozinha, gosto de falar muito, sofri muito com o meu marido, tive quatro filhos, meu marido bebia e me batia até na dieta dos meus filhos. De tanto sofrimento entrei em surto, foi difícil me recuperar, mas melhorei e hoje estou aqui.*

## 3- Descrição do local.

As observações da pesquisa acontecem dentro de uma instituição filantrópica, no hospital psiquiátrico Allan Kardec, numa sala de alfabetização, inserida no projeto AllanClô. O espaço físico é caracterizado por uma sala de aula, com cadeiras-carteira, com uma lousa em bom estado, e com alguns recursos pedagógicos necessários para se trabalhar com a EJA. Porém, falta um armário adequado para guardar os materiais dos alunos, pois esses materiais são guardados numa outra sala. Há também a necessidade de reforma no telhado, pois, em dia de chuva não há condições de trabalhar com os alunos. Como podemos constatar o local da EJA é sempre um lugar qualquer, onde se possa alojar as pessoas dando apenas o estritamente necessário. Pessoas que têm direito, onde já uma vez em suas vidas foi lhe negado o direito de ser um cidadão participativo.

Vemos que este fenômeno deve ser abordado em cada contexto histórico concreto para se buscar em formas mais realistas para a verdadeira solução do problema. Entretanto temos observado que a essência do analfabetismo é a mesma em todos os lugares do mundo, e principalmente em nosso país: a pobreza. Além da pobreza, o alto índice de analfabetismo está situado na discriminação étnica, de gênero, das populações da zona rural, dos bairros marginalizados e das periferias das cidades. E isto é exclusão social. FURLANETTI, 2001, P.133.

#### **4- Descrição das atividades.**

As primeiras aulas do curso de alfabetização se iniciaram com os alunos contando a história de seu nome e de sua vida; foi também nesse momento que relataram o que gostariam de aprender no curso de alfabetização. Porque como declara Paulo Freire (1997), “Nós como educadores, temos muito que aprender ouvindo, pois, aprender escutando é que aprendemos a falar com o outro. Ao escutar não se discrimina por se sentir mais, ou melhor, do que o outro, e aprende a falar com o outro que é diferente. Quem escuta, ouve as dúvidas de seus alunos”.

Assim, pudemos tomar conhecimento dos motivos, relatado pelos alunos sobre o que os levaram a não participar das escolas quando eram mais jovens e saber mais ou menos qual a patologia que cada aluno tem.

Partindo dessa realidade, as primeiras atividades foram desenvolvidas com o próprio nome dos educandos, pois além de reativar a memória dos mesmos em relação à escrita e a leitura, vivenciaram momentos de integração e ajuda mútua. Ao trabalharmos com os nomes desenvolvemos atividades como: três tipos de crachá, lista de presença, ordem alfabética, resgate da identidade e o alfabeto móvel.

Depois dessas atividades foi possível fazer uma análise das dificuldades dos educandos e na maioria a dificuldade estava em lembrar as letras ou até mesmo como escrevem o seu próprio nome. Com isso, foi mostrado a origem das palavras, das letras do alfabeto e assim a importância que elas nos proporcionam.

Deixando claro que o nosso mundo hoje é letrado e por isso estamos sempre rodeados por elas, ou seja, precisamos das letras para ser mais participativo na sociedade.

As atividades ocorrem sempre através de temas geradores onde a pergunta do educando é importante para que o diálogo se inicie porque acreditamos que onde existe o silêncio, não existe a compreensão da realidade. Nesse sentido, perguntamos para cada educando que animais gostariam de ser, cada um falou sobre o seu animal e explicou o porquê da escolha, aí desenharam, pintaram e depois montaram uma história de acordo com o que cada um sabia escrever sem a intervenção do educador. A partir do que cada um escreveu foi montado um texto coletivo escrito na lousa, pois nesse momento cada educando poderia perceber o erro que cometeu na sua história e assim copiar a forma correta da lousa.

Trabalhamos também com ditados populares através de cópias, discussão da moral que está por trás do ditado, desenho sobre o ditado, quebra-cabeça de palavras envolvendo o ditado popular para que seja montado novamente em uma outra folha. Estamos agora montando um novo ditado popular, então cada um está pesquisando de acordo com as suas possibilidades, novos ditados populares. Dessa forma, portanto, os temas geradores sempre partem de palavras do cotidiano dos educandos que através da combinação de elementos básicos proporcionam a formação de outras palavras.

Durante as atividades procuramos estabelecer um vínculo de confiança e credibilidade para com os educandos fazendo com que a convivência amorosa vivida entre educador e educando ajude na construção de um ambiente favorável à produção do conhecimento e ao resgate da identidade, porque o medo que se tem do professor e os temores serão enfraquecidos à medida que a confiança estará sendo construída através de atitudes éticas do educador. Não estamos nos referindo ao maternalismo que muitas vezes pode acontecer, mas enfatizando a importância do vínculo afetivo estabelecido através da ética e da confiança.

## **5- Descrição de eventos especiais.**

Toda sexta-feira é desenvolvida uma atividade extraclasse, em que os alunos participam de um coral, na qual é proporcionada interação entre o grupo de modo a familiarizar-se com a cultura musical. Assim eles podem fazer um outro tipo de leitura de mundo com músicas que retratam a história do país e que fazem parte do nosso cotidiano.

Nessa atividade os alunos têm a oportunidade de se apresentarem em concertos, teatros e em outras atividades culturais que recebem destaque da sociedade prudentina, de modo que chame atenção e o reconhecimento da população. Partindo dessa situação é possível dizer que essa é uma das saídas para resgatar sua

identidade e voltarem a serem inseridos na sociedade novamente. Além disso, a letra da música é utilizada como um instrumento para a leitura e para escrita.

## **6- Os comportamentos do observador.**

As atitudes do observador estão voltadas para uma relação de espontaneísmo, para que os alunos se sintam muito à vontade durante as conversas e as atividades, estimulando um diálogo aberto entre educador e educando. Desenvolvendo situações de aprendizagem sempre **junto** com os educandos e não **para** os educandos, fazendo intervenções somente quando os alunos necessitam e de maneira que os façam pensar, partindo do conhecimento que já possuem.

Depois da coleta do conteúdo das observações será feito entrevistas. Devido ao caráter de interação que se cria entre quem pergunta e quem responde. Segundo Lüdke e André (1986, p.34), “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assunto de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”.

Diante dessa descrição, é optado pela entrevista, pelo fato das pessoas que participam da pesquisa possuírem pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável por apresentarem dificuldades com a escrita e com a compreensão da lógica do documento. Então, para simplificar a coleta desses dados é utilizado o contato direto entre educador e educando.

## **Considerações finais.**

Para Lüdke e André (1986, p.45)

“Analisar os dados implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado”.

Mas no caso da pesquisa presente ainda não estamos nessa fase, pois, a pesquisa está em andamento, da qual se espera pôr em prática as propostas desses teóricos. Continuaremos com as entrevistas, agora mais individualmente, ao

mesmo tempo em que reconstruiremos cada história de vida na busca da identidade de cada um. Estaremos registrando detalhadamente todos os dias de aulas como deve ser uma pesquisa de estudo de caso, organizando-os de uma tal forma que possamos fazer uma análise da identidade dessas pessoas tão especiais, na busca de torná-las mais conscientes de si e do mundo, com o objetivo de melhorar a sua qualidade de vida para que mais tarde possam se sentir incluídas nessa sociedade muitas vezes injusta com eles.

### **Referências bibliográficas:**

BOLETIM INFORMATIVO. **Alunas e alunos da EJA**. Ministério da Educação, Brasília, 2006.

FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler em Três Artigos que se Completam**. 15ª ed., São Paulo, Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FURLANETTI, Maria Peregrina de Fátima Rotta. **Formação de Professores Alfabetizadores de Jovens e Adultos: O Educador Popular**. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília.

MENGA, Lüdke, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, E. P. U., 1986.

RIBEIRO, Vera Masagão. A Formação de educadores e a Constituição da Educação de Jovens e Adultos como Campo Pedagógico. In: \_\_\_\_\_. **Formação de Profissionais da Educação – Políticas e Tendências**. São Paulo: CEDES, 1999.